

## Hannah Arendt e a responsabilidade do professor no ato educativo

### Hannah Arendt and the teacher's responsibility in the educational act

Daniele Lopes Oliveira<sup>1</sup>

79

**Resumo:** O presente trabalho é uma revisão de Literatura da obra de Hannah Arendt e suas contribuições sobre a crise da educação e a falta de responsabilidade pelo mundo comum da escola. Este estudo pretende a partir da análise dos textos de Hannah Arendt discutir a educação na perspectiva dos fenômenos sociais que cercam o homem na atualidade, sobre a perspectiva da desigualdade social, novos arranjos familiares, uso e convivência com as drogas nos espaços escolares e familiares, a influência das novas tecnologias, o uso das redes sociais, bem como outros fenômenos que mudaram o ponto de vista da sociedade hodierna.

**Palavras-Chave:** Educação, Autoridade e Tradição.

**Abstract:** The present work is a literature review of the work of Hannah Arendt and her contributions on the crisis of education and the lack of responsibility for the common world of the school. This study intends, based on the analysis of Hannah Arendt's texts, to discuss education from the perspective of social phenomena that surround man today, from the perspective of social inequality, new family arrangements, use and living with drugs in school and family spaces, the influence of new technologies, the use of social networks, as well as other phenomena that have changed the point of view of today's society.

**Keywords:** Education, Authority and Tradition.

## INTRODUÇÃO

A crise da responsabilidade é um mau moderno e surgiu quando os indivíduos começaram a se isolar do mundo comum. O homem moderno é isolado, atomizado e totalmente individualizado. Não há mais o lugar da responsabilidade, nem na vida, muito menos na escola.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorado e Doutora em Educação PUC Goiás. Graduada em Direito e Pedagogia pela PUC Goiás. E-mail: danielolopes\_oliveira@outlook.com

Recebido em 18/12/2020

Aprovado em 25/04/2021

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Tanto os pais têm se abdicado dessa responsabilidade, quanto os professores. E isso agrava ainda mais o papel da escola, e o papel do professor e seu protagonismo na formação do aluno. A preocupação do governante com a vida humana passa a ser uma preocupação estratégica, dada à utilidade dessa vida.

Com o advento da prática biopolítica, a vida humana passa a ser uma categoria política e a educação escolar é também uma categoria política, que se utiliza da educação como ferramenta de controle para alcançar os fins almejados pelo Estado.

O que antes era feito em nome da justiça, da liberdade, da moral, ou outro valor que possamos agregar, passou a ser operado com vistas à manutenção da vida humana e da potência do Estado.

E essa preocupação faz com que o Estado passe a participar ativamente de assuntos ditos privado, como educação, correção dos filhos, bens patrimoniais e outros assuntos que eram de caráter eminentemente privado. Ocorrendo uma inversão sem precedentes na história.

E a inauguração de uma fase intervencionista do Estado na vida particular dos sujeitos, ditando regras sobre a educação escolar (conteúdo, forma de aprender, proibindo a educação nos lares, estabelecendo normas quanto a idade de estudar entre outras).

O exercício político é o que torna o homem, homem. Pois, outras atividades, embora vitais, são atividades, que não nos diferenciam dos animais, por isso, o pensar a política é tão importante.

O resgate da política é imprescindível, para se resgatar o espaço público e o lugar da ação. Liberdade é ser reconhecido publicamente como um indivíduo e para ter esta oportunidade, os homens compartilhavam da tentativa de promover o bem comum.

A condição humana da pluralidade, só pode ser exercida no domínio público e é fundamental para a vida política. Pois a escola é lugar do pensar, do agir em comum, lugar do, “nós” e da representatividade.

## 1. A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR NO ATO EDUCATIVO

Estudar a crise na Educação nos remete a buscar novos caminhos a abandonar pressupostos já balizados, e deixar de lado respostas vulgarmente, aceitas, “a crise força-nos a regressar às próprias questões e exigem de nós respostas novas ou antigas” (ARENDRT, 1957, p.3).

Arendt (1957, p. 6), discorre sobre a transição do mundo das crianças para o mundo dos adultos e fala da escola como o palco onde esta transição se desenvolve. A autora crítica a educação moderna *rousseauuniana* com a qual “a educação se transformou num instrumento da política e a própria atividade política foi concebida como uma forma de educação”.

Segundo Arendt (1957, p. 7), o papel desempenhado pela educação desde a antiguidade até os dias atuais, mostra bem como pode parecer natural “querer começar um mundo novo com aqueles que são novos”. “A educação tem sido utilizada para endoutrinar as crianças, e a educação de adultos se propõem a afastá-los da atividade política, como um propósito de coerção, sem uso de força”.

A autora (1957, p. 1), dirige algumas críticas a educação moderna, para a autora a crise da educação é uma manifestação particular da crise política que aflige a civilização ocidental desde o início da modernidade. Apesar da estreita relação entre a crise política e a crise na educação a autora se posiciona no sentido de uma separação entre ambas, de forma que a política não determine a educação e nem esta seja utilizada como instrumento da política algo que possuiu um aspecto um tanto promiscuo nos dias atuais.

Ela critica o “espírito científico” da pedagogia moderna que apesar das significativas contribuições. O que contribuiu para a ruptura com a tradição um fenômeno que marcou a perda do senso comum que orientava a vida humana na terra (ARENDR, 2010, p. 16).

A falta de um sentido comum em relação ao mundo é apontada como um dos fundamentos da alienação da alienação moderna, que se relaciona diretamente com o problema de falta de responsabilidades dos adultos em relação às crianças. “A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gosto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse à renovação” (ARENDR, 2010, p. 11).

A crise na educação americana é segundo a autora um claro anúncio do fracasso da educação progressista e também um problema extremamente difícil porque surge no seio de uma sociedade de massas e em respostas às suas exigências de mercado.

Trata-se de uma noção, na qual está envolvida muito mais do que a igualdade perante a lei, mas também do nivelamento das distinções de classe (ARENDR, 1957, p. 1).

A primeira discussão sobre a educação que Arendt propõe é a que existe “um mundo da criança e uma sociedade formada pelas crianças” (ARENDR, 1957, p. 2).

As crianças são seres autônomos e que, na medida do possível, se devem deixar governar por si próprias. O papel dos adultos deve então consistir em limitar-se a



assistir a esse processo. Elas ficam, ou entregues a si mesmas, ou à tirania do seu grupo, grupo contra o qual, tendo em vista a sua superioridade numérica, se não podem revoltar; grupos do qual jamais podem escapar-se para qualquer outro mundo porque o mundo dos adultos; está-lhes vedado. A reação das crianças a esta pressão tende a ser ou conformismo ou a delinquência juvenil e, na maior parte das vezes, uma mistura das duas coisas (ARENDDT, 1957, p. 3).

O segundo ponto discutido por Arendt nesse texto é a influência da psicologia e das doutrinas pragmáticas. A pedagogia tornou-se uma ciência de ensino geral, ao ponto de se desligar completamente da matéria a se ensinada. “O professor é aquele que é capaz de ensinar qualquer coisa” (ARENDDT, 1957, p. 2).

A formação que se recebe é em ensino generalizado e não no domínio de um assunto particular. Esta atitude está naturalmente ligada a uma concepção elementar do que é o aprender.

Tendo como consequência o fato de, no decurso dos últimos anos, a formação dos professores na sua própria disciplina têm sido grandemente negligenciada. Expressão conceitual sistemática do pragmatismo com um conceito de que se não pode saber e compreender senão aquilo que se faz por si próprio.

“A aplicação à educação desta ideia é tão primitiva quanto evidente substituir tanto quanto possível o aprender pelo fazer” (ARENDDT, 1957, p.3).

Considera-se pouco importante que o professor domine a sua disciplina porque se pretende compelir o professor ao exercício de uma atividade de constante aprendizagem para que não transmita um saber morto, mas ao contrário demonstre constantemente como se adquire esse saber.

“A intenção não é a de ensinar um saber, mas a de inculcar um saber-fazer”. O Conhecimento moderno é centrado na práxis. O resultado é uma espécie de transformação das instituições de ensino em institutos profissionais. “Aprender, no velho sentido da palavra, forçando a criança a adotar uma atitude de passividade, obrigá-la-ia a abandonar a sua própria iniciativa que se não manifesta senão no jogo” (ARENDDT, 1957, p. 4).

De acordo com Arendt (1957, p. 3-4), “o ensino hoje demonstra a substituição do aprender pelo fazer e do trabalho pelo jogo”. Aquilo que, precisamente, deveria preparar a criança para o mundo os adultos, o hábito adquirido pouco a pouco de trabalhar em vez de jogar, é suprimido em favor da autonomia do mundo da infância.

“A ligação entre o fazer e o saber, aqui, sob o pretexto de respeitar a independência da criança, ela é excluída do mundo dos adultos para ser artificialmente mantida no seu, tanto quanto este pode ser designado um mundo” (ARENDDT, 1957, p. 3-4).

Esta forma de manter a criança afastada é artificial, pois quebra as relações naturais, entre crianças e adultos. E vai contra o fato de a criança ser um ser humano em plena evolução, percebendo a infância como uma fase transitória, uma preparação para a idade adulta. “A crise resulta do reconhecimento do caráter destrutivo destes três pressupostos e do esforço desesperado que está a ser feito para reformar todo o sistema de educação, isto é para transformá-la completamente” (ARENDDT, 1957, p. 4).

“A educação é uma das atividades mais elementares e mais necessárias da sociedade humana a qual não permanece nunca tal como é, mas antes se renova sem cessar pelo nascimento, pela chegada de novos seres humanos” (ARENDDT, 1957, p. 5).

“A criança tem necessidade de ser protegida contra o mundo, o seu lugar tradicional é no seio da família” (ARENDDT, 1957, p. 4). Delimita um lugar seguro para o seu sadio desenvolvimento e amadurecimento. Isto é válido, não somente para a vida da criança, mas também para a vida em geral.

Uma vez que por todos os lados a vida é constantemente exposta ao mundo sem a proteção da intimidade e da segurança privada, a sua qualidade vital é destruída.

A educação moderna, na medida em que tenta estabelecer um mundo próprio das crianças, destrói as condições necessárias para o seu desenvolvimento e crescimento é algo que parece obvio.

Porém é de fato estranho que esse pernicioso procedimento possa ser resultado da educação moderna, tanto mais que essa educação declarava ter por único objetivo servir a criança e se rebelava contra os métodos do passado juntamente por eles não tomarem na devida conta a natureza profunda e as necessidades da devida contra a natureza profunda e as necessidades da criança.

O “século da criança” pretendia nas palavras de Arendt (1957, p. 2), “emancipar a criança e libertá-las dos padrões de vida retirados do mundo dos adultos”. “Os educadores tentaram modernizar a educação, com base nessas evidências, sem se darem conta das consequências que elas teriam sobre a vida das crianças”.

Quanto mais completamente à sociedade moderna suprime a diferença entre o que é público é o que é privado, entre o que só se pode desenvolver à sombra e o que reclama ser mostrado à todos na plena luz do mundo público.

Tanto mais a sociedade moderna introduz, entre o privado e o público, uma esfera social na qual o privado é tornado público e vice-versa, mais difícil se tornam as coisas para as crianças, as quais, por natureza, necessitam da segurança de um abrigo para pode amadurecer sem perturbações.

De acordo com Arendt (1957, p. 2), “a escola não é de modo algum o mundo, nem deve pretender sê-lo. A escola é a instituição que se interpõe entre o domínio privado do lar e o mundo, de forma a tornar possível a transição da família para o mundo”. Não é a família, mas o Estado, o mundo público, que impõe a escolaridade. Desse modo, relativamente à criança, a escola representa de certa forma o mundo, ainda que o não seja verdadeiramente.

Os adultos são responsáveis pelas crianças e não podem se eximir dessa responsabilidade, porém, não consiste somente em zelar para que a criança cresça em boas condições, mas assegurar as condições para o seu livre desenvolvimento das suas qualidades e características.

Arendt (1957, p. 4), afirma que na medida em que “a criança não conhece ainda o mundo, devemos introduzi-la nele gradualmente, devemos zelar para que esse ser novo amadureça, inserindo-o no mundo tal como ele é”. Face aos jovens, os educadores fazem sempre figura de representantes de um mundo do qual, embora não tenha sido construído por eles, devem assumir a responsabilidade por ele.

Esta responsabilidade não é arbitrariamente imposta aos educadores, está implícita no fato de os jovens serem introduzidos pelos adultos num mundo em perpetua mudança. Quem se recusa a assumir a responsabilidade do mundo não deveria ter filhos nem lhe deveria ser permitido participar na sua educação e na educação de outrem (ARENDR, 1957, p. 5).

No caso da educação a responsabilidade pelo mundo toma a forma da autoridade. A autoridade do educador e as competências do professor não são a mesma coisa. Ainda que não haja autoridade sem certa competência, esta, por mais elevada que seja não poderá jamais, por si só, engendrar a autoridade.

A competência do professor consiste em conhecer o mundo e em ser capaz de transmitir esse conhecimento. Mas a sua autoridade funda-se no seu papel de responsável por este mundo. Como afirma Arendt (1957, p. 9), “eis aqui o nosso mundo”.

A falta de autoridade hoje está ligada ao fato de que modernamente o mundo é pensado como se as crianças recusassem a autoridade dos educadores por serem oprimidas por uma maioria adulta, ainda que, efetivamente, a prática educacional moderna tenha tentado, de forma

absurda, lidar com as crianças como se, se tratasse de uma minoria oprimida que necessita ser libertada.

Mas não há nada mais opressivo e despótico do que entregar as crianças a si mesmas, sem prepará-las para a vida, sem lhes dar as devidas condições para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional e fornece-lhes as ferramentas adequadas para atuação na vida adulta.

Dizer que os adultos abandonaram a autoridade significa dizer que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo em que colocaram essas crianças.

A crise de autoridade na educação está intrinsecamente relacionada com a crise da própria tradição. A crise da nossa atitude diante de tudo o que é passado.

Para o educador, este aspecto é especialmente difícil uma vez que é a ele que compete estabelecer a mediação entre o antigo e o novo, razão pela qual a sua profissão exige um extraordinário respeito pelo passado.

O *ethos* específico do princípio educativo está em acordo com as convicções éticas e morais da sociedade no seu conjunto. “Educar, nas palavras de *Políbio*, é apenas permitir a alguém ser digno dos seus antepassados”, tarefa na qual o educador pode ser um na discussão, por meio do seu próprio trabalho ainda que num nível diferente, uma vez que a sua vida é vivida com os olhos postos no passado (ARENDDT, 1957, p. 12).

A reflexão sobre os princípios da educação deve ter em conta este “processo de estranheza face ao mundo”. Pode-se mesmo admitir que se esteja aqui em face de um processo automático, desde que se não esqueça que “o pensamento e a ação humana” tem o poder de interromper e fazer parar este processo (ARENDDT, 1957, p. 11).

Arendt (1957, p. 13), reflete que “em política a atitude conservadora que aceita o mundo tal como ele é” e unicamente uma “luta por preservar o *status quo*”, o que só pode levar o mundo a destruição. “E isto porque, nas suas grandes linhas como nos seus detalhes, o mundo está irrevogavelmente condenado à ação destrutiva do tempo, a menos que os homens estejam determinados a intervir, a alterar, a criar o novo”. Assim estamos sempre a educar para o mundo, e para a existência e preservação dele.

“O mundo é criado por mãos humanas para servir de casa aos humanos durante um tempo muito limitado. Porque o mundo é feito por mortais, ele é perecível”. Porque os seus habitantes estão continuamente a mudar, o mundo corre o risco de se tornar tão mortal como eles. Para preservar o mundo contra a mortalidade dos seus criadores e habitantes, é necessário constantemente restabelecê-lo de novo (ARENDDT, 1957, p. 14).

No mundo atual, o problema da educação resulta, pois do fato de que pela sua própria natureza, a educação não pode fazer economia nem da autoridade nem da tradição sendo que, no entanto, essa mesma educação se deve efetuar num mundo que deixou de ser estruturado pela autoridade e unido pela tradição.

Resulta que, não apenas, os pais e os professores, mas também cada um de nós, na medida em que vivemos em conjunto um único mundo com as crianças e os jovens, devemos adotar relativamente a eles uma atitude radicalmente diferente daquele que temos uns com os outros.

O domínio da educação deve ser radicalmente separado dos outros domínios, em especial da vida política pública. Não é possível educar sem ao mesmo tempo ensinar: uma educação sem ensino é vazia e degenera com grande facilidade numa retórica emocional e moral. Mas podemos facilmente ensinar sem educar e podemos continuar a aprender até o fim dos nossos dias sem que, por essa razão, nos tornemos mais educados.

A educação é assim o ponto em que se decide se ama suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele e, mais ainda, para salvá-lo da ruína que seria inevitável sem a renovação, sem a chegada dos novos e dos jovens.

A educação é também o lugar em que se decide se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando as entregues a si próprias, para não lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa que não tínhamos previsto, para ao invés antecipadamente as prepara para a tarefa de renovação de um mundo comum.

Ao considerar a crise da educação, Arendt (1957, p. 14), nos faz pensar que esta não apenas se encontra exposta aos ataques avassaladores do tecnicismo utilitarista, mas decorre diretamente do desfalecimento da esfera pública, culminando na vitória do labor e do trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o professor assume a sua responsabilidade no ato educativo, ele assume um papel de importância. Como um herói que se interpõe ante as adversidades e assume um desafio de mudança ante o *status quo*.

A educação é também o lugar em que se decide se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando as entregues a si próprias, para não

lhes retirar a possibilidade de realizar qualquer coisa que não tínhamos previsto, para ao invés antecipadamente as prepara para a tarefa de renovação de um mundo comum.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **A crise na educação**. São Paulo: Companhia das Letras, 1957. 14 p.

ARENDT, H. **A condição humana**. (1958). 11ª ed. São Paulo: Forense Universitária. 2010. 174 p.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999. 693 p.

CESAR, M. R. de A.; DUARTE, A. **Hannah Arendt**: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. Educ. Pesqui., São Paulo, vol. 36, nº. 3, dez 2010. p. 1- 15 Disponível:[http://scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517970220100000300012&Ing=pt&nrm=iso](http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517970220100000300012&Ing=pt&nrm=iso) Acessado em: 20 de janeiro de 2015.

CORREIA, A. (Trad.). **Sobre Hannah Arendt**. Em: Inquietude, Goiânia, vol. 1, nº 2, ago/dez. 2010. 81 p.